

Parte 1 - 500 anos de presença judaica no Brasil

1º capítulo - Resgate histórico da vivência judaica no Brasil

Judeus no sul do Brasil, Porto Alegre-RS: da dispersão grupal à construção institucional e comunitária

Ieda Gutfreind

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GUTFREIND, I. Judeus no sul do Brasil, Porto Alegre-RS: da dispersão grupal à construção institucional e comunitária. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 80-96. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Judeus no sul do Brasil, Porto Alegre-RS: da dispersão grupal à construção institucional e comunitária

Ieda Gutfreind¹

A comunicação situa-se no campo da História e é um recorte de um projeto mais amplo em andamento. As fontes com as quais trabalhamos são em grande maioria orais, extraídas do acervo do Departamento de Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), sediado em Porto Alegre. Nosso propósito é identificar instituições criadas por judeus na capital do estado do Rio Grande do Sul (RS), destacando que correspondem a momentos e situações específicas, respondendo a vontade de grupos que buscavam espaços para satisfazer necessidades de múltiplas ordens, sejam religiosas, culturais ou sociais.

Partimos do pressuposto de que a homogeneização do judeu brasileiro é uma construção que envolve interesses do próprio grupo, bem como advém de percepções ou preconceitos externos. Yehoshua, em *Viagem no fim do milênio*, um Romance de Idade Média (2001), ambientado no final do século dez, oferece-nos indicativos do traçado milenar das fronteiras entre as comunidades judaicas *askhenazim* e *sefaradim*, que ainda hoje demarcam afinidades e diferenciações dramáticas para Israel. Acrescentamos que não apenas para Israel, mas entre os judeus da *Diáspora* distinções internas impõem-se.

Outros tantos séculos transcorreram ao tempo focado no romance acima, mas ainda podemos visualizar diferenças, embora mais tênues, entre os diversos grupos de judeus, em sua maioria *askhenazim*, que imigraram para o Brasil, radicando-se no Rio Grande do Sul, a maior parte deles na capital do Estado. Os imigrantes judeus, neste caso, são em sua maioria *askhenazim*, mas, mesmo entre eles, no interior da língua comum, o *íidiche*, há especificidades, encontradas na alimentação, no vestuário, na pronúncia e significado de palavras. Maiores distinções ocorrem, entretanto, entre os *askhenazim* e os *sefaradim*, o que nos sinalizaria neste grande conjunto, as razões do significativo número de instituições edificadas por grupos de

¹ Doutora em Sociologia/UNISINOS/RS.

judeus na capital do estado gaúcho. Iniciamos com a situação inicial do imigrante judeu em uma colônia agrícola, seguimos com seu deslocamento para os centros urbanos, onde deram início as suas práticas cotidianas religiosas, culturais e sociais e finalizamos com o momento posterior, quando tais instituições são subsumidas por supraentidades, tornando visível a ruptura da rigidez que separava os vários agrupamentos.

Introduzindo nossa temática, historicamente a imigração judaica no Rio Grande do Sul teve seu início oficial, com a vinda de imigrantes, sob a chancela da *Jewish Colonization Association* (ICA), nos primeiros anos do século XX. Famílias vindas da Bessarábia foram instaladas no interior do estado gaúcho, onde deveriam desenvolver atividades agrícolas. No projeto de colonização da ICA estava prevista e foi implantada uma infraestrutura para satisfazer suas necessidades religiosas, educacionais e sociais. A construção de uma sinagoga, da escola, de biblioteca, de espaços de lazer facilitaram a convivência e a continuidade de uma forma de vida trazida da Europa. As práticas religiosas, a alimentação, a comunicação com a manutenção do *íidiche*, as comemorações religiosas, aproximavam os imigrantes, muitos dos quais deram início a laços de amizade entre famílias e de parentesco, através de casamentos. O *miniam* estava assegurado para qualquer situação que o exigisse.

Se, por um lado, na colônia, o “mundo askhenazim” com suas tradições trazidas da Europa reconstruía-se, por outro, mudanças ocorriam com a introdução de novos alimentos à dieta, a substituições das roupas pesadas pelas típicas do gaúcho que muitos imigrantes adotaram, a convivência das crianças na escola com outras de fora da colônia, e a colaboração de adultos não judeus nas lides agrícolas.

A primeira colônia de judeus, *Philippson*, próxima à cidade de Santa Maria, no centro do Estado gaúcho, aproximava os colonos entre si, porém a harmonia era rompida por choques entre estes e a administração e, paralelamente às amizades que se formavam, ocorriam desavenças inclusive entre vizinhos. No livro de memórias de Alexandr (1967), localizamos uma descrição das posições político-sociais assumidas pela administração, o que sem dúvida deveria gerar insatisfações entre os colonos:

Representava a ICA um senhor vindo da França com plenos poderes para resolver todas as questões e dificuldades dos colonos. Deveria orientá-los na lavoura, fornece-lhes toda a assistência necessária.

Para ele e sua família fora reservada a casa do antigo proprietário da fazenda. Era um sobrado pintado de branco, com todo o conforto possível, próprio para pessoas acostumadas a viver em Paris. A casa ficou sendo conhecida por administração ou sobrado. Rodeava-a um imenso jardim florido e bem tratado, Atrás do sobrado estendia-se um grande pomar com variedade de frutas, tais como laranjas de diversas qualidades, bergamotas, pessegueiros e parreiras. A casa e o pomar eram protegidos por uma cerca de arame farpado, bem fechada, a fim de impossibilitar as incursões indesejáveis. Dois cães gigantescos temidos pela sua ferocidade e dois caboclos do lugar, conhecidos pela sua ligeireza no facão, montavam guarda ali. Às sextas feiras, porém, esse Éden proibido, era franqueado às famílias trazidas para Filipson, sendo-lhes, então, permitido comer dos frutos que quisessem e levar algum aos entes queridos que, por qualquer motivo, não pudessem comparecer ali. Atendia-as, e com solicitude, os dois peões, com os longos facões pendurados no lado direito da cintura, ao alcance da mão. Os cães, nessas ocasiões, ficavam presos. Todavia, vez por outra, quando esqueciam de prendê-los, voltava sempre alguém dessa tão almejada visita com o seu único traje de festa rasgado, quando não com um pedaço de perna a menos. Por esse motivo, tal visita, com o decorrer do tempo, acabou por ser completamente suprimida por parte dos colonos mais briosos... (Alexandr, 1967, p. 16).

A realidade material acima foi um tanto diversa para os colonos, quando da chegada, sendo assim lembrada pela memorialista:

Para abrigar parte das famílias, foi construído um galpão enorme, de tábuas, todo pintado de preto, pois nem todas as casas estavam terminadas por ocasião da vinda das levas de emigrantes... As casas ainda não estavam prontas para receber os moradores. Trabalhava-se febrilmente, havendo-se estabelecido, de modo tácito, um processo de cooperação em que todos se auxiliavam mutuamente (...). Era total o desconforto. Todos dormiam no chão, numa promiscuidade deprimente... (Ibid., 1967. p. 15,17)

Administração e colonos conflitavam-se, inclusive motivados pelas diferenças etnoculturais, nas quais avultava a dificuldade de comunicação, o que nos permite reconhecer a gama cultural diferenciada entre os colonos e os responsáveis pela gerência dos negócios da colônia, e esse fato não foi exclusivo da colônia de *Philippson*, abrangendo as demais, conforme a citação:

Muitos dos executivos e administradores da ICA eram sefaradis. Podemos citar o Administrador de Quatro Irmãos (colônia), Dr. Marcos Pereira, assim como seus sucessores, Drs. Davi Levi, Jacob Massis e Elie Saltiel.(...) Os agricultores dos projetos da ICA eram todos askhenazis e falavam, basicamente, o russo e o idish (dialetos judeu alemão) ao passo que os administradores da ICA se expressavam, basicamente, em francês e ladino (judeu espanhol). (Nelson Menda, 1999, p. 02).

De um administrador temos a seguinte avaliação:

... já lhe disse que justamente a maior dificuldade minha era a língua, eu não conhecia o ídish, e todo mundo falando ídish... (Nestor Pontremoli. Entrevista n. 227, 1988, p. 25).

Colonos e descendentes insatisfeitos, críticos da situação em que viviam, com as novas atividades para as quais muitos não estavam habilitados, nas Histórias de Vida que constam no Acervo do Departamento de Memória ICJ MC, apresentam suas queixas: ...tinha um galpão onde botavam todos os colonos que traziam e lá ficavam em comunidade, até que cada um ganhava a sua colônia, ganhava um arado, uma junta de bois. E diziam: agora te vira. E os colonos se viraram a torto e direito... (Sara Gerber. Entrevista n. 395, p. 3).

Philippson teve curta duração e seus moradores dirigiram-se para a cidade mais próxima, Santa Maria, muitos deles já se conheciam, uns seguiram outros e, poucos anos após, em 1923, ergueram uma sinagoga². Um grande número, porém, rumou para a capital do estado, Porto Alegre, buscando a aproximação com familiares aí residentes ou alternativas de mudança em suas vidas. A memorialista que seguimos, Frida Alexandr nos relata a notificação dada ao administrador, por um colono, quando da saída,

² Um morador de Santa Maria, assim a descreve: "... Havia uma [sinagoga] de madeira.. isso foi em 1924, 1925. Há uma lembrança depois de uma sinagoga, vamos dizer, majestosa para a época, no interior do estado (Santa Maria). Que eu me lembre era um edifício de dois pisos, com pé direito muito alto e que abrigava colégio na parte térrea, abrigava também o zelador da sinagoga... Na parte superior havia o salão da sinagoga mesmo e um tipo de um mezanino, camarote, que era para senhoras ficarem lá na sinagoga. Havia também um grande, um ótimo palco. Os judeus sempre cultivaram o teatro, sempre.. era como se fosse um centro cultural-religioso, que abrigava a sinagoga; o colégio, o baile era feito também na sinagoga, era um conglomerado, vamos dizer, que se centralizava num edifício só...É, ela deve datar mais ou menos de 1928,1930. Eu me lembro que estudei lá o hebraico e o *ídiche*..." (Jacob Knijnik. Entrevista n. 146. 1988, p. 07-08)

acusado de ter se apossado da *Torá* que chegara para a sinagoga da colônia. Esse imigrante será localizado quando das fundações das sinagogas União Israelita e Centro Israelita, ambas em Porto Alegre.

Guarde o seu revólver. Não vim pedir satisfação pela perseguição que moveu contra mim e minha família. O contrário, vim agradecer-lhe por ter-me forçado a abandonar a colônia. Estou ganhando meu pão honestamente, em Porto Alegre, vendendo pelas ruas, galinhas, quadros de santos ou ferro velho. Tudo preferível a este inferno... Vim buscar minha família. Pode dispor a colônia. (Ibid., 1967, p. 26)

A sociedade maior, como, por exemplo, a de Santa Maria, muitas vezes não identificava esse grupo de imigrantes como judeus, denominando-os *russos* ou *russinhos*. Funcionava o sistema de homogeneização de um grupo diferenciado internamente. Uniformidade que será parcialmente rompida quando um pequeno número, com algum tipo de peculiaridade comum agrupar-se em torno de uma instituição, situação que ocorrerá em Porto Alegre.

Nessa mesma época, nos inícios do século passado, quando havia um maior número de judeus no interior do Rio Grande do Sul que na capital, a dificuldade para reunir dez homens quando das festividades religiosas era superada por encontros nas poucas residências existentes. Contemporâneos à época historiam um encontro promovido por um judeu *sefaradi* que se destaca nesses inícios de vida judaica, Salomão Levy, oriundo de *Marrakesh*, que possuía uma loja na cidade. Na residência desse judeu marroquino, no ano de 1909, foram comemorados o *Rosh Hashand* e *Yom Kipur* e dela fizeram parte judeus *askhenazim* de origem russa e austríaca. Há informações de que ocorreram naquele mesmo ano outras reuniões em residências³.

³ Leão Back em *Comunidades Judaicas* afirma que na residência do Sr. Júlio Lubianca também ocorreram orações, por ocasião destes dias religiosos. (Departamento de Memória Marc Chagall. Cx n. 31 Maço I, doc. n. 5 n. 18 pág. Série Comunidades Judaicas do Rio Grande do Sul, traz informações.

Nos depoimentos do acervo do Departamento de Memória do ICJMC há referências a esse tipo de reuniões para comemorar as festividades religiosas do calendário judaico. Identificamos uma estratégia utilizada no seguinte relato: "Meu pai, Bernardo, e o tio Isac foram fundadores da Sinagoga da União Israelita. Quando chegamos em (1909) havia apenas oito famílias de israelitas, então meu pai pagava a passagem para judeus {virem} de Pelotas e Rio Grande, para completar o *miniam* para *Rosh Hashand* e *Yom Kipur*." (In: Eizirik, 1984, p.37).

Liderados por Salomão Levy no ano seguinte (1910) um pequeno grupo de judeus fundou uma associação religiosa que se denominou União Israelita, mas que teve curta duração. Quando o número de judeus residentes em Porto Alegre aumentou, teve início a criação de instituições, com indivíduos agrupando-se a partir de identidades geográficas e linguísticas.

Os preconceitos intragrupos são por demais conhecidos, conforme vimos, sejam entre os *askhenazim* ou entre esses e os *sefaradim*. Retiramos dos depoentes que colaboram na construção deste texto, excertos nos quais a assertiva fica evidenciada.

É. Eu tenho uma coisa que eu comecei a estudar agora, os sefaradim. Até o pessoal fica meio danado da vida, porque nós somos asquenazi aqui, em Porto Alegre, a grande maioria. Eu tenho uma passagem que... foi uma assembleia do Colégio Idish, era aqui no Bom Fim. Então, houve uma assembleia de necessidades do Colégio e tal...Eu estava lá, os meus filhos (lá estudavam]. Aí, lá pelas tantas um camarada pediu para falar em iídiche. Um outro disse que não, que tinha que falar em português e coisa e loisa. Aí eu disse inocentemente: Ah, então tá bom! Uma assembleia do Colégio Idish, que o sujeito não entende iídiche? O que é que a fazendo aqui dentro? (Solon Slavutzki. Entrevista n. 323, 1990, p.63-64).

...nós sempre nos demos bem, mas nós aqui, eles lá: os costumes são meio diferentes, cada um tem os seus jornais, seus costumes, seus hábitos e não da' certo. Casamento sim, eles se casam e se dão. Mas agora em festas e coisas... a não ser da Federação que convida toda coletividade, aí a gente sempre se ajuda. (Jóia Castiel Menda. Entrevista n. 062, 1987, p. 03).

A identificação de diferenças, embora apresentando unidade religiosa, mas não na forma das suas práticas, torna-se clara, quando da criação dessas instituições, e é o propósito do texto. As instituições criadas são sinalizações das aproximações de judeus, motivadas por traços étnico- culturais comuns. A avaliação de um depoente com experiência institucional em várias sinagogas das várias que foram construídas em Porto Alegre, é feita nos seguintes termos: ...os (judeus) que vieram da Europa, eram gente com muita cultura judaica, eles sabem o que é uma sociedade. E eles se diferenciavam um pouco dos judeus que já estavam há mais tempo no Brasil e se congregavam, e eles já eram mais ricos também, se congregavam mais no Centro Israelita e os mais antigos ainda se

congregavam no União Israelita. Então, os novos, os que vieram especialmente da Polônia, acharam melhor ter uma sociedade separada. Não sei porque razão, só sei que fizeram uma sociedade separada. E lá realizavam festas, espetáculos teatrais, e assim era a vida que eu me lembro daquele tempo. A questão é a seguinte: isto tudo, parece que foi, tudo isto aconteceu rapidamente, entre, entre 1935 e 1937, foi praticamente de um relance, porque em 1937 praticamente pararam as atividades judaicas aqui... Então a vida judaica, pelo que sei, morreu praticamente no Rio Grande do Sul. (Halpern. Entrevista n. 014. 1988, p. 05-06).

O depoente refere-se à declaração do Estado Novo, de 1937, decretado pelo presidente brasileiro Getúlio Vargas, vigorando até 1945; de cunho marcadamente nacionalista, dentre as múltiplas coerções políticas, econômicas, sociais, identificamos apenas as proibições de manifestações de grupos imigrados ou seus descendentes. Já outro depoente avalia, afirmando:

Aqui (referindo-se ao Poilish Farband) eram os Poilish idn... não se misturavam..., tinha esse preconceito social... na Barros Cassai (União Israelita), eram os judeus ricos, o Poilish Farband era um dos mais pobres... na Henrique Dias, o Centro Israelita eram os médios.... A SIBRA era uma sociedade dos Judeus alemães.... (Natdlio Engelman. Entrevista n. 357, 1991, p.10).

Observamos que o judeu, além de visualizar-se diferente de outro judeu, muitas vezes tem dificuldade em definir sua origem, nestes casos, via de regra, identifica-se a partir do local que selecionou como sua origem, critério que será utilizado quando da criação institucional:

Eu sou húngaro, romeno. Eu não sei o que sou, porque sou da Transilvânia. Uma época a Transilvânia era parte da Hungria. Parte da Transilvânia ficou Hungria e a outra Romênia... mas eu me considero romeno. O resto são polacos, russos, bessarabes, litviners (grifo nosso), cada um no seu lugar... (Maximilian Glaser. Entrevista n. 101, 1991, p. 19)

O excerto acima nos deixa explícita as formas utilizadas pelo judeu para hierarquizar, criando uma pirâmide social a qual compõe-se de seu grupo em destaque, e as demais distribuídas a partir das condições econômicas ou, contabilizando no tempo, a época da imigração familiar. As instituições refletem este recurso.

Para efeitos didáticos organizamos em momentos, os agrupamentos de judeus que se radicaram em Porto Alegre: a) já nos referimos ao momento inicial, quando se aproximaram independentemente de suas origens étnicas; exemplificamos retornando à reunião que ocorreu na residência familiar do sr. Levy, prática comum nos primeiros anos do século XX; b) No momento seguinte, ocorreu a criação de instituições a partir, ratificamos, de laços identificadores comuns e, algum tempo após, c) ocorreu a criação de uma instituição de cunho social que abrigará os membros da comunidade judaica, independentemente de suas peculiaridades; d) o último momento que tratamos, refere-se ao do projeto de criação da Unificada e o da Federação, o primeiro deles vinculado à criação do Estado judeu e o outro indicativo de múltiplos fatores, dentre estes a criação de uma identidade que passaria a demarcar uma comunidade, a judaica.

Passemos à criação das instituições, refletindo acerca das razões de sua criação e o grupo que a empresou.

A sinagoga União Israelita, um ano após a primeira tentativa – 1909 –, é recriada. Seus componentes, não são exclusivamente *askhenazim*, pois Salomão Levy ai se encontra e há outros sobrenomes que remetem a judeus *sefaradim*.

O objetivo imediato para sua criação repousava na necessidade de um local para os judeus enterrarem seus mortos. Poucos dias após as comemorações das grandes festas, iniciaram as buscas e a compra do terreno para o cemitério, cujo preparo foi feito pela própria comunidade, que, em um domingo, cercou o terreno e nesse mesmo ano já acolhe membros da coletividade (Eizirik, 1984, p. 38). No período que antecede a construção da sede da sinagoga, os serviços religiosos e as comemorações sociais eram realizados em residências alugadas e a maior parte era composta de judeus oriundos das fronteiras do então Império Russo.

Poucos anos após termos uma segunda sinagoga, o Centro Israelita Porto Alegrense. Sua criação, ao que a documentação indica, resultou da exclusão de sócios da sinagoga União Israelita. Segundo uma fonte: ... em 14 de outubro de 1917 quatro sócios: M.B., D.B., L.K. e A. S. foram excluídos da sociedade por desrespeito aos membros da

diretoria e difamação à U.I (União Israelita), com publicações na imprensa local⁴.

Esse fato é corroborado por um outro documento⁵, que afirma:

Em 1917, devido a questões e a incompatibilidades internas surgiu uma nova Associação que não se diferenciava da primeira, a União Israelita, com os mesmos objetivos, sob o nome de Centro Israelita Porto Alegreense.

A inauguração da sede foi em 1925 e consta que havia uma estátua de Moisés na fachada, em sua parte superior. Críticas fizeram-se ouvir, a diretoria reuniu-se e a imagem foi substituída por uma estrela de Davi. Nessa sinagoga funcionou o primeiro *Colégio Idish* e peças teatrais eram apresentadas pelas crianças nas comemorações anuais da escola. Nela como na União Israelita, ocorriam não apenas as cerimônias religiosas, mas uma gama variada de atividades sociais e culturais.

Concordamos com o autor da citação acima, acerca da proximidade dos objetivos do Centro Israelita com os da União Israelita e agregamos que, provavelmente, muitos dos imigrantes que chegaram nos anos 20 encaminharam-se para essa última sinagoga localizada no bairro Bom Fim, onde a grande maioria fixou residência nas ruas que a cercavam, pois facilitava o deslocamento para as orações da manhã e do anoitecer.

Os judeus *sefaradim*, como os demais, inicialmente reuniam-se em residências, posteriormente alugaram uma residência na qual exerciam seus compromissos religiosos, e muitos deles frequentavam as sinagogas já existentes, acima identificadas. No início da década de 1920, os *sefaradim*, conforme dizem, iniciaram uma *ventura buena*: a partir de reuniões e de assembleias propuseram a criação da sua sinagoga, o Centro Hebraico Riograndense, inaugurado oficialmente em 1922, que, no entanto tardou vários anos para ter sua sede própria concluída.

Como as demais, neste local, além dos ofícios religiosos realizavam-se festividades de aniversários, casamentos, bailes de carnaval, convenções, palestras, almoços e chás comemorativos, etc.

⁴ STIFELMAN, Doutor Marcos. Reminiscências II (cont.). Periódico União Israelita ano III n. 1 agosto 1995 AV. 5755 p. 3.

⁵ FALBEL, Nachman. Comunidade Judaica do Rio Grande do Sul, p. 10-11 Departamento de Memória ICJMC Cx n. 31 maço n. 1 doc. 5 pág. 18 Série Comunidades Judaicas no RS.

A justificativa de um depoente nos permite o entendimento da criação dessa sinagoga:

A fundação de uma entidade qualquer tem uma razão de ser. Naquela época de 1922, os poucos sefaradís provenientes da Turquia e que aqui fundaram os alicerces de suas vidas e negócios, necessitavam satisfazer suas necessidades espirituais. É bem verdade que fd funcionavam a União Israelita e o Centro Israelita, onde assistiam as solenidades religiosas. Havia, algo, porém, que clamava pela união daqueles poucos em torno de uma entidade própria: era o rito sefaradí, um pouco diverso do askenazi, a língua comum, que era o espanhol, e a origem comum, a Turquia. (*Aron Menda, 1962. p. 62*)

A vinda progressiva de judeus poloneses oferece condições para que se reúnam em uma sinagoga, que foi fundada em 1931. Denominada Associação Israelita Brasileira Poilisher Farband, quando do Estado Novo passou a chamar-se Associação Israelita Brasileira Maurício Cardoso.

Um depoente, cujo pai durante longos anos fez parte da diretoria, exemplifica que nesta sinagoga: ...eram só poloneses, praticamente, com raras exceções, pelos seguintes fatores: ...naquela época o pessoal se (delimitava. De cada região fazia o seu grupinho. Então ali era o Poilisher Farband [dos poloneses]. Na Barros Cassal {União Israelita} eram os que vinham da Rússia.. então cada um tinha a sua sociedade, criaram a sua sociedade. Então ali ficou centralizado mais para os judeus poloneses... (Natdlío Engelman. Entrevista n. 357, 1991, p.6).

Vários depoentes recordam as atividades de assistência gratuita de vários médicos durante muitos anos, além do empréstimo aos associados de instrumentos como seringas, ventosas, termômetros, comadres... Essa filantropia também era exercida com o auxílio de uma caixa de socorros mútuos, com empréstimos em dinheiro.

No espaço desta sinagoga ocorriam eventos sociais como espetáculos em *íidiche*, bailes, reuniões dançantes, bazares e leilões. Um incêndio a destruiu em 1947, foi reconstruída e há alguns anos em seu espaço foi erguido um prédio que abriga várias instituições judaicas, inclusive a Federação Israelita, estando o andar térreo ocupado pela sinagoga Poilisher Farband. Esse espaço abriu-se para a realização de múltiplos eventos, não mais se caracterizando apenas como sinagoga e tampouco de judeus poloneses.

No ano seguinte, 1932 foi fundado o Linat Hatzedek por judeus da Europa Oriental, húngaros, romenos, além de outros. Foi criado como uma sociedade Beneficente de Socorros Mútuos e sua denominação Linat Hatzedek, traduzido no *ídiche* indica *assistência noturna gratuita ao doente*, atividade a qual a Instituição dera grande valor. Paralela à atividade beneficente, foi fundada uma sinagoga que chegou a ter mais de duzentos sócios, diminuindo sensivelmente seu número com a morte da sua primeira geração, não sendo renovado pelas novas. Um associado e presidente por longos anos avalia o papel da instituição da seguinte forma:

Esqueci a data...1932...vieram alguns imigrantes, outros jd estavam bastante tempo aqui e... sabe com é, judeus nunca se entendem entre si, então forneciam um novo shill... (nele) tinha..., ajuda médica, um ambulatório completo... com o tempo... a gente não precisava..., isso foi abandonado...(masi se alguém estava doente e não tinha quem ficar com ele, um dos sócios ficava com ele, levava no médico, trazia do médico... (Maximilian G laser. Entrevista n. 101, 1991, p. 01).

Na década de 1930, o afluxo de judeus alemães aumentou proporcionalmente ao avanço nazista. Os compromissos religiosos dos judeus alemães eram realizados em outras sinagogas de Porto Alegre, porém suas singularidades os levam a buscar um espaço religioso, social e cultural próprio. Em 1936 surge a SIBRA – Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência.

A construção da SIBRA coloca-se na mesma linha de raciocínio das demais, e uma depoente relembra que jovem, recém-chegada, em 1934, redigiu uma carta para familiares na Alemanha. Queixava-se dos insetos que a assustavam e do escândalo para sua família que presenciou *que juntaram dinheiro na sinagoga do Centro Israelita em pleno Pessach!* Igualmente recorda que frequentaram o Poilisher Farband e o Linat Hatzedek, mas não permaneceram, por não aceitarem os hábitos toscos ou comportamentos inadequados de alguns de seus associados. Após essas experiências em sinagogas *askhenazim* seu pai realizou um *minian* com um pequeno grupo tão religioso quanto ele, na própria casa, o que igualmente não foi agradável, tendo que retornar a frequentar o Linat Hatzedek.

Nesse meio tempo, um judeu alemão vindo de São Paulo, onde já havia uma sinagoga de alemães, traz a ideia da fundação de uma para os seus conterrâneos em Porto Alegre. Iniciando como os demais, alguns

membros desse grupo alugaram uma casa no bairro Bom Fim, posteriormente se mudaram para outro local e é após algum tempo que foi adquirido um terreno e realizada a construção do prédio atual.

Chamamos a atenção que internamente havia diferenciações na SIBRA, destacando-se os que vieram primeiramente, oriundos de pequenos lugarejos, bastante religiosos, mas com conhecimentos restritos”. Posteriormente, imigraram judeus alemães das grandes cidades como Berlim, mais liberais, com nível educacional distinto e que gradativamente passaram a exercer a liderança da comunidade. Embora tais distinções internas:

...na SIBRA a gente teve a chance de encontrar outros imigrantes em situações parecidas, embora não fossem idênticas. E houve, então, encontros e começou além da vida, vamos dizer, de um minian, aparte religiosa, começou aparte social, da gente se encontrar, ter com quem conversar sobre o passado. Porque também tínhamos um passado similar. Porque é diferente poder participar daquilo que se vivenciou como se fosse apenas a história que está se contando e fim... Aí se jogava *ping-pong*, *encontravam-se rapazes e moças, entre os quais meu atual marido e outros também que se encontraram assim... Vários casais foram se formando... nós casamos em 1941, outros em 1940, outros (jd) em 1942. E ai veio a integração mesmo. Todos jd falando português. Todosjá trabalhando...*(Berta Herz. Entrevista n. 016, 1987, p. 26-27)

Durante longo período os judeus askhenazim, sejam os vindos da Rússia, Polônia, Lituânia, Bessárbia, em relação aos alemães, identificavam nítidas diferenças, mantendo significativo afastamento, atualmente bem mais atenuado. O depoimento abaixo ainda trás as marcas desta diferenciação:

Bom, aqui em Porto Alegre o judeu alemão não se mistura conosco. Eles têm a SIBRA (...J, mas eles não se misturam conosco. Também acho que eles pouco se identificam como judeus, os nomes deles jd não são judeus, então eles quase não se identificam como judeus. E o alemão geralmente, pelo menos aqui em Porto Alegre, como em São Paulo, tem a CIP, o alemão é reformista, a religião deles. Nós somos ortodoxos, nós somos conservadores... (Leão Nudelman. Entrevista n. 029, 1989,p.16)

Em contrapartida, conforme o que desenvolvemos acima, é possível observar a reciprocidade de sentimentos do judeu alemão em relação ao

askhenazim. Sua associação satisfazia as necessidades de seus membros: política interna, momentos culturais e uma vida social intensa.

Tardiamente, em relação às demais sinagogas, temos o retorno do ritual religioso ortodoxo com a entrada do Beit Chabad, em Porto Alegre, a partir de 1981. A preocupação inicial do seu representante foi com a criação de uma escola, atuando através da educação para incentivar um retorno à reflexão religiosa como modo de vida.

Os serviços religiosos durante longo período foram realizados na sinagoga Linat Hatzedek. Segundo um depoente, o Beit Chabad teria se retirado desta sinagoga por lhe ter sido negado a cedência da sinagoga e os associados não permitirem a troca de nomes. Ainda o depoente afirma:

...o Linat Hatzedek podia ser Beit Chabad. Podiam levar tudo para o Beit Chabad, podiam tomar parte, podiam falar, mas não mudar o nome... (Maximilian G laser. Entrevista n. 101, 1991).

Utilizando uma linguagem pós-moderna, organizados em *tribos*, o judeu *askhenazi* por sua origem geográfica e linguística, subdividido, mas não de forma rigorosa ou excludente, permanece em suas respectivas organizações institucionais respondendo com segurança que frequenta a sinagoga que era do seu avô ou, então, afirmando que após o casamento mudou de sinagoga.

As aproximações entre *askhenazim* e *sefaradim* tornaram-se mais frequentes alguns anos após o término do Estado Novo e quando o Círculo Social Israelita, um clube social fundado em 1930, que alugava locais para promover reuniões sociais, tornou-se o ponto de confluência onde passaram a acorrer os judeus, independente de origem ou prática religiosa. Agregamos o Círculo Social Israelita por sua significação na comunidade judaica – um espaço de sociabilidade – voltado para encontros culturais e sociais, buscando a integração social de membros, sejam os jovens ou as gerações mais velhas, situando-se acima da divisão geográfica, linguística, um tanto ou bastante preservada nas sete sinagogas existentes em Porto Alegre. Nomeação simbólica – círculo – em seu seio abrigava os judeus de Porto Alegre, extensivo ao interior do estado sulino.

O Círculo desempenhou um importante papel quando do movimento de criação do Estado Judeu, promovendo conferências e debates nas décadas de 40 e 50, colaborou na aproximação entre *askhenazim/sefaradim*,

e igualmente no interior do grande grupo *askhenazim*. O Círculo simboliza dentre as instituições, um elemento fundador na criação da existência de uma comunidade judaica, acima das diferenciações estabelecidas pelas instituições religiosas.

O Círculo Social Israelita, a partir de 1937, passou a ocupar “os altos do Cinema Baltimore”, transferindo-se, a partir dos anos 60, para uma imensa sede, ainda no bairro tradicionalmente judeu, o Bom Fim. Na segunda metade da década de 1980, une-se a outra sede sócio-esportiva da comunidade judaica, o Grêmio Esportivo Israelita, ambas sob novo nome: A Hebraica.

Embora as ideias sionistas tenham sido trazidas por muitos imigrantes que continuaram no esforço pró-criação de um estado judeu, e outros tantos tenham aderido ao movimento, é nas décadas de 1930 e 1940 que observamos uma grande mobilização pró-estado-judeu. Irmanados em um ideal comum, atarefados em torno de uma causa comum quebram-se as barreiras intragrupos. As polarizações, embora ainda se façam sentir tenuemente, tomam nova direção, com os judeus distinguindo-se não tanto por sua origem geográfica quanto entre pró e antissionistas. As programações não estão mais voltadas especialmente para o consumo sociocultural interno das respectivas sinagogas e, por extensão, as demais instituições, mas sim dirigidas para um projeto externo, com fundamentos políticos. Abriam-se espaços para que as agremiações se tornassem *Unificadas* e que uma *Federação* se alçasse acima de todas as instituições. A primeira, a Unificada, surgiu em 1945, criada, segundo vários depoentes, por um emissário estrangeiro; aliás, tal representante do sionismo internacional teria sido o responsável pela criação de várias organizações, dentre as quais a WIZO, Pioneiras e, especialmente, a Unificada.

Enviado pelo movimento Sionista Mundial para o Brasil, Josef Tchornitzky marcou época em Porto Alegre, pois “lançou a ideia de fazer uma Unificada, que não existia...”. Empenhou-se e obteve êxito na criação da Organização Sionista Unificada do Brasil, setor Rio Grande do Sul, com amplo apoio de sionistas históricos e de última hora.

A Federação Israelita do Rio Grande do Sul, por sua vez, filiando-se a Confederação Israelita Brasileira, inicia suas atividades em 1961, tomando para si a função de um órgão superior ao conjunto das instituições judaicas do Rio Grande do Sul, esforçando-se para atuar como um órgão supraintegrador do conjunto das instituições existentes.

O depoimento de um dos presidentes da Unificada assim justifica a ideia de criação de uma Federação:

Sempre na condução dos assuntos da Unificada, sempre me batia a ideia de que o Movimento Sionista prosperaria se houvesse uma comunidade forte e as entidades locais fossem também fortes, respeitadas e tivessem uma vida ativa, porque do contrário toda a ideia do sionismo seria realizada na base da guerra. Quer dizer, tu tens um judaísmo dentro de ti que te impulsiona de tal forma, que tu acabas tendo que realizar a tua vida sionista fazendo alia', ou não. Nesta hora do..., ou não, é que então surgiu a ideia da Federação e ela se alicerçou mais, porque eu também fui membro da Magbit, do Fundo Comunitário, fui ativista e levei uma certa ocasião uma proposta de que parte da arrecadação que se fizesse do Fundo, revertesse para as entidades locais. Evidente que não tive nenhum sucesso, mas toda essa história foi criando em mim a sensação de que precisava de alguma coisa... Daí lançou-se a ideia, então, da Federação e foi lutada, porque as pessoas que compunham a diretoria da Unificada não tinham muito a ver com a ideia de Federação e não foram muito receptivas,... Mas, foi fundada a Federação, e eu fui um dos vice-presidentes (...1 foi em abril de 61, que se fundou a Federação... (Gildo Milman, 27 de agosto de 2001, p. 4-5)

Iniciando com pequenas reuniões com membros de uma mesma família, acrescentando amigos, os judeus que se radicaram no Rio Grande do Sul terminaram agrupando-se a partir de suas origens étnico-geográficas. O elo unificador, a sinagoga, cumpria funções não apenas religiosas, mas de assistência social e cultural. Algumas destas instituições mais fechadas que outras, respondiam plenamente às necessidades grupais.

Com o Círculo Social Israelita, uma instituição de cunho nitidamente sociocultural, transformando-se em um espaço dissociado do religioso, passaram a integrar pessoas até então afeitas a uma determinada instituição.

O projeto do Estado judeu galvanizava a atenção e uma outra instituição, supra, a Unificada, igualmente é formada por judeus de distintos grupos e, com a criação da Federação observamos que o período de divisores étnico-culturais, embora ainda fazendo-se sentir, subsumido por interesses maiores: o Círculo Social Israelita, a Unificada e a Federação, representam este outro momento da história dos judeus em Porto Alegre, mesmo que o período anterior continuasse presente.

Referência Bibliográfica:

- ALEXANDR, Frida. *Filipson: Histórias da Primeira Colônia Judaica no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Fulgor, 1967.
- ARON MENDA. Centro Hebraico Riograndense. In: *Seleções Sionistas. Porto Alegre: Organização Sionista Unificada*. Ano IV, n.1, set/out, 1962.
- BRUMER Anita *Identidade em Mudança: Pesquisa Sociológica sobre os Judeus no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 1994.
- EIZIRIK, Moisés. *Aspectos da Vida Judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.
- FAERMANN, Martha Parglender. *A Promessa Cumprida*. Porto Alegre: Metrópole, 1990.
- GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração Judaica no Rio Grande do Sul. A Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- IOLOVITCH, Marcos. *Numa Clara Manhã de Abril*. Porto Alegre: Movimento, 1987.
- YEHOSHUA, A. B. *Viagem ao Fim do milênio: Romance da Idade Média*. Tradução do Hebraico Milton Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NELSON MENDA. *1748/1948 – 200 anos de Presença Sefaradi no Extremo Sul do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Hebraico Riograndense, 1999.
- NICOLAIEWSKY, Eva. *Israelitas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Garatuja, 1975.
- SCLIAR, Moacyr. *Judaísmo: Dispersão e Unidade*. São Paulo: Ática, 1994.
- VERBA, Arão. *Resgatando a Memória da Primeira Imigração Judaica para o Brasil: Colônia de Phillipson*. s/1: s/e, 1997.

Acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall:

Departamento de Memória: Histórias de Vida (Depoimentos)

Entrevista n. 014. Josef Szulin Halpern, 1988. ICJMC/ DEPTO. DE MEMÓRIA: HISTÓRIA DE VIDA Entrevista n. 016. Berta Herz, 1987. ICJMC/ DEPTO. DE MEMÓRIA: HISTÓRIA DE VIDA

Entrevista n. 029. Leão Nudelman, 1989. ICJMC/ DEPTO. DE MEMÓRIA: HISTÓRIA DE VIDA

Entrevista n. 062. Jóia Castiel Menda. ICJMC/ DEPTO. DE MEMÓRIA: HISTÓRIA DE VIDA Entrevista n. 101. Maximilian Glaser, 1991. ICJMC/ DEPTO. DE MEMÓRIA: HISTÓRIA DE VIDA Entrevista n. 146. Jacob Knijnik, 1988. ICJMC/ DEPTO. DE MEMÓRIA: HISTÓRIA DE VIDA

Entrevista n. 227. Nestor Pontremoli, 1988. ICJMC/ DEPTO. DE MEMÓRIA: HISTÓRIA DE VIDA Entrevista n. 323. Solon Slavutzki, 1990. ICJMC/ DEPTO. DE MEMÓRIA: HISTÓRIA DE VIDA

Entrevista n. 357. Natálio Engelman, 1991. ICJMC/ DEPTO. DE MEMÓRIA: HISTÓRIA DE VIDA Entrevista n. 395. Sara Nagelstein Gerber ICJMC/ DEPTO. DE MEMÓRIA: HISTÓRIA DE VIDA Entrevista Gildo Milman. Concedida a Ieda Gutfreind em 27 de agosto de 2001.

Núcleo de Estudos e de Integração de Pesquisa em História Oral – NEIPHO – Documentos:

BACK, Leão. *Série Comunidades Judaicas do Rio Grande do Sul*. Departamento de Memória Marc Chagall. Cx n. 31 Maço I, doc. n.5 p.14 n. 18

FALBEL Nachman. *Comunidade Judaica do Rio Grande do Sul*. Departamento de Memória ICJMC Cx n. 31 maço n. 1 doc. 5 pág. 18 Série Comunidades Judaicas no Rio Grande do Sul.

STIFELMAN, Doutor Marcos. Reminiscências II (cont.). *Periódico União Israelita ano III n. 1 agosto 1995*, AV. 5755 p. 3.